

Um jornalismo da empatia, dialogia e solidariedade

Marcelo Cardoso

Jornalista e professor.
Mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero, SP.
E-mail: cardoso_marcelo@uol.com.br

Recebido: 07 set. 2016

Aprovado: 23 nov. 2016

O jornalista pode se tornar agente de estímulo de interações que levem a uma complexa rede de solidariedade? E o que aconteceria se tal processo ocorresse dentro de espaços delimitados, mas que se cruzam e se conectam, muitas vezes sem ter contato físico entre si?

As respostas começam a surgir à medida que o leitor avança pela obra *Jornalismo em trânsito: o diálogo social solidário no espaço urbano* (2015), da professora, pesquisadora e jornalista Mara Ferreira Rovida. O livro editado pela EduFSCar é fruto de sua tese de doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) e do apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

A obra compreende o trabalho do jornalista no rádio e enxerga-o como um mediador que interfere nas interações sociais, cria um ambiente de acolhimento a partir das ondas sonoras e, também, presencialmente. O profissional utiliza métodos que se distanciam da gênese do jornalismo quando filho legítimo da razão e da ciência. Logo na apresentação do livro, a autora deixa pistas sobre os caminhos que o jornalista-mediador social percorre: “[...] há momentos em que as relações sociais se baseiam em empatia e até cumplicidade” (ROVIDA, 2015, p. 11).

A obra está dividida em quatro partes ou espaços, como a autora prefere chamar, e, posteriormente, há considerações finais em Ponderações. No Espaço I – Projeções, é apresentado para o leitor o cenário onde se desenvolveu a pesquisa: as vias de tráfego da cidade de São Paulo, a região metropolitana – por meio das rodovias que a cortam – e, um outro tipo de espaço, o das ondas sonoras transmitidas pela Rádio SulAmérica Trânsito, emissora customizada do Grupo Bandeirantes, que inspirou Rovida a começar

a pesquisa. A autora conta que a partir de um episódio cotidiano narrado por um dos repórteres da rádio e, também, das reações e interações provocadas pelos ouvintes, iniciou as primeiras indagações sobre o papel desempenhado pelos jornalistas no espaço urbano e como o fenômeno se conecta a um movimento de solidariedade social em meio ao caos do trânsito paulistano.

A pesquisadora explica que toda categoria profissional tem uma faceta identitária própria, como se fossem estereótipos profissionais. Assim, o agente de trânsito fiscaliza, sinaliza, orienta e multa; o caminhoneiro transporta, prejudica o trânsito e provoca acidentes; o policial militar atua na segurança, mas não raro passa dos limites com um rigor extremo; e o repórter, na rua, entrevista e narra situações. Por meio das interações entre personagens, entretanto, há momentos em que se evidencia a colaboração, a solidariedade que se traduz em uma ajuda mútua.

No episódio citado pela autora, um caminhoneiro que fora vítima de um roubo, provocou a interdição de uma via da cidade, mas foi auxiliado por fiscais do trânsito para que não perdesse sua carga. Os fiscais e o caminhoneiro, por sua vez, contaram com a ajuda de policiais militares para garantir a segurança. O repórter da emissora foi ao local e, além de prestar serviço, respeitou o momento de tensão e de tristeza do caminhoneiro e resolveu não abordá-lo, mas apurou e narrou o fato e seus personagens. O jornalista comentou pela rádio o trabalho desses profissionais e, também, relatou os gestos de solidariedade entre eles. O fato rendeu muitos elogios da audiência porque o trabalho do jornalista mostrou um outro lado das relações conflituosas no trânsito de São Paulo.

Durante sua pesquisa de campo, a professora lançou mão de um método que é, ao mesmo tempo, utilizado por jornalistas e por antropólogos em estudos de etnografia: a observação-participante. A pesquisadora foi a campo e interagiu com os objetos da pesquisa na carona do automóvel dirigido pelas repórteres da emissora de rádio, na boleia do caminhão, guiado pelo motorista que foi observado durante seu trabalho, e dialogou com especialistas para melhor entender as relações dos habitantes na megalópole. As entrevistas em profundidade, para dialogar com os personagens na pesquisa empírica, foram outra ferramenta apropriada por Roviada. O termo diálogo e seus significados, por sinal, permeiam todo o livro já a partir do prefácio produzido pela professora Cremilda Medina, da USP.

Ainda na primeira parte da obra a autora explica que a análise da experiência realizada foi feita por meio da “descrição densa”, termo usado por Clifford Geertz (2008) e pelo qual se permite interpretar os dados observando-os dentro de um contexto cultural. Assim, a pesquisa empírica pode contar com observações de detalhes que somente são reparados quando o pesquisador vivencia certas situações, como expõe Rovida (2015, p. 31-32): “não se trata de fazer um relato frio e descritivo de situações observadas em campo, mas de interpretar os significados dos gestos e dos comportamentos, elevando-os à condição de categoria cultural”.

A pesquisadora dialoga com a sociologia durkhemiana, que lhe é familiar desde o início da vida acadêmica, e defende que conceitos e teorias devem ser revisitados, re combinados e repensados, por isso, a obra do francês Émile Durkheim ganha luz para que o leitor compreenda o que significa “solidariedade orgânica”. A autora expõe a faceta do sociólogo que não nega a influência positivista, como a de Augusto Conte, entretanto, também enxerga as manifestações culturais como aquelas expressas pela fé e pela religiosidade, como fato social, um fenômeno coletivo. Portanto, longe de serem algo sobrenatural, mas que são, na verdade, outros caminhos para se compreender a própria sociedade.

E ao seguir os ensinamentos de Durkheim, a autora compreende que a sociedade buscou meios próprios de contornar problemas em meio ao crescente tamanho do Estado (ou do poder público) e à sua conseqüente falta de capacidade de gerenciar e de olhar pelo cidadão. Assim, os indivíduos se agrupam e fortalecem vínculos entre si para sobreviver. Aqui está a conexão com os atores sociais a quem nos referimos no início desta resenha: as categoriais profissionais e o seu diálogo entre si para que haja solidariedade. Rovida cita Durkheim ao escrever que “todo grupo de trabalho é um ‘porto seguro’ para o indivíduo, que, ao se associar, se sente reconfortado por participar de um coletivo que o transcende” (ROVIDA, 2015, p. 78).

Na segunda parte da obra, denominada Espaço II – Urbes, a autora revela ao leitor os detalhes de sua pesquisa empírica: o perfil de um caminhoneiro a quem acompanhou, as percepções dela (autora) em relação ao trabalho deste motorista e suas histórias. Trata-se de um diário que contém informações sobre locais, pessoas e diálogos realizados durante a abordagem etnográfica. Neste mesmo capítulo são demonstradas as diversas perspectivas de estudiosos sobre o que a autora chamou de “cidade em trânsito”. Assim, discutem-se a mobilidade urbana, as relações entre a

cidade e o indivíduo, os dados geográficos, econômicos, o trânsito e as características da região metropolitana de São Paulo. Rovida escreve como esse cenário envolve e modifica as relações humanas, dissolve antigos elos comunitários, promove o acirramento de tensões entre grupos sociais e estimula exclusões, o que leva a piorar a qualidade de vida. Para embasar a discussão, consultou obras de especialistas como o antropólogo Roberto Da Matta, a urbanista Ermínia Maricato e o antropólogo indiano Arjun Appadurai.

No Espaço III – Imersão, o leitor terá novamente contato com a pesquisa empírica, mas, desta vez, a abordagem recai sobre os repórteres da RST como Ronaldo Rodrigues e Raquel Rieckmann Traldi, por exemplo. Aqui ficam evidentes as relações de solidariedade, de ajuda mútua entre repórteres, personagens do trânsito e ouvinte. Apenas para citar um exemplo, os marronzinhos – como são conhecidos os fiscais da Companhia de Engenharia de Tráfego (CET), de São Paulo – acompanham a emissora sempre que possível, mas também trocam telefonemas com os jornalistas que, por sua vez, os avisam sobre situações ligadas ao trânsito e que, posteriormente, são informadas aos ouvintes pela emissora. Para a autora há uma interferência positiva do repórter: ele extrapola o fazer jornalístico padrão e assume a postura de promotor de um espaço para o diálogo social solidário. O jornalista age como mediador “comprometido com seu papel de intercâmbio entre os vários coletivos que fazem parte da sociedade” (ROVIDA, 2015, p. 151).

Isso só é possível porque, segundo a pesquisadora, o repórter verifica *in loco* as variáveis do seu trabalho: ele vê, cheira, ouve, percebe, toca, sente, enfim, vivencia as mesmas situações que ouvintes, motoristas, agentes, policiais etc. E que são suas fontes de informação, mas que nas interações com elas, permitem que se “torne parte do cenário que serve de fonte para seu trabalho e também é palco para o exercício de sua profissão” (ROVIDA, 2015, p. 158).

Mara Rovida descobre, então, que apesar das forças econômicas, sociais, culturais e organizacionais (linha editorial da emissora e a cultura profissional do jornalista) há espaços – brechas – que permitem ao jornalista certas liberdades nas interações com a fonte e com o ouvinte. Como a autora ressalta, são “justamente nessas brechas que o feixe de forças do autor da comunicação pode se sobressair e, ao que parece, é nesses momentos que o **diálogo social solidário** acontece” (ROVIDA, 2015, p. 179 – grifos da autora). É esta a abordagem no último subtema da terceira parte do

livro: a ação do jornalista que propicia a criação de diálogo em um espaço que se torna sensível às interações entre seus protagonistas. Isso ocorre graças aos vínculos que se formam e se fortalecem.

De forma articulada, alternado teoria e prática, a autora deixa para o Espaço IV – Encontro, nova imersão no trabalho do caminhoneiro pré-selecionado para estudá-lo e ao cenário que o circunda: dificuldades, cotidiano, bons momentos, violência etc. E, a partir da boleia do caminhão, Rovida traz para o leitor passagens do seu diário de campo da pesquisa como a que segue:

Enquanto aguardo, observo a rotina dos trabalhadores que passam de um lado para outro. Os motoristas são muito caprichosos com os caminhões. Durante o intervalo de uma entrega e outra, dão aquele trato no cargueiro. Tem um que passa pretinho no contorno dos retrovisores, o outro que passa pano no painel e aquele que limpa o chão e o estofado do banco. Eles se esmeram na limpeza, apesar do pó vermelho levantado cada vez que um veículo passa pela rua. Os caminhoneiros parecem nem sentir mais o cheiro forte de gás que paira no ar enquanto deixam tudo bem arrumadinho no *truck* (caminhão de dois eixos) ou no *toco* (caminhão de um eixo). (ROVIDA, 2015, p. 207)

Foi inevitável surgirem paralelos entre o trabalho dos repórteres, que dirigem os veículos da emissora de rádio, e os motoristas de caminhão. A análise da autora é que as condições de precariedade do trabalho de ambos encontram-se no mesmo espaço, as ruas e as rodovias. A terceirização, a perda de direitos trabalhistas e as inúmeras horas no trânsito fazem parte de um cenário onde jornalistas, cada vez mais, preferem (ou são obrigados) a se transformar em pessoas jurídicas.

As dificuldades e as diferenças que cada uma das categorias citadas no livro encontraram, foram amenizadas quando existiu a percepção de que a colaboração entre si torna o trabalho – e por consequência, a vida –, mais fáceis e prazerosos. Mara Ferreira Rovida comprovou que a narrativa radiofônica pode ampliar, por meio do trabalho de mediação do jornalista e de interações com a audiência, este diálogo social solidário.

Referências

ROVIDA, Mara Ferreira. **Jornalismo em trânsito: o diálogo social solidário no espaço urbano**. São Carlos, EdUFSCar, 2015.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.